

AVESSA de Rita Gaspar Vieira

Desenho Acumulado

Há nas experiências artísticas de Rita Gaspar Vieira, no seu confronto mito-poético com a materialidade da folha de papel, do “papel de algodão manufaturado” (com a elasticidade, adesão, depuração, deposição, com as propriedades orgânicas deste material), uma refuncionalização anti-mimética do Desenho. Este é um confronto que é produto de uma autocracia - isto é, produto da construção e espacialização de uma identidade (de uma artista específica) que se reincorpora no Desenho (enquanto campo disciplinar historicamente determinado) e que afeta a forma como contextualizamos, entendemos a sua “coletividade” e a sua genealogia (os múltiplos autores do desenho contemporâneo); um confronto que se faz, portanto, em torno de uma consciência e mediação auto narrativas - o complexo de experiências que tornou, na Rita Gaspar Vieira, o pensamento numa instância artística, e a prática artística num modo de pensar e de se relacionar com o mundo.

Uma ressalva: esta realidade, a relação desigual que favorece o autor (a artista) e que o incrementa como interlocutor (mas não como absolutismo) da sua obra, organiza o nosso (o meu) posicionamento interpretativo e desativa qualquer valor prescritivo no que aqui escrevo. Estas palavras constituem-se, como uma das formas de me aproximar: uma apresentação imaginativa consciente de que o direito a hesitarmos permanece e é necessário. Nada fica resolvido, mas ampliar-se-á a legibilidade do que a obra nos diz, do que nos parece dizer, no que nela discernimos como possibilidade inclusivamente a ilusão de que esse “parece dizer” é verosímil.

Na obra da Rita Gaspar Vieira, o desenho regressa à itinerância, ao vestígio, à sua ontologia de rastro, de marcação do tempo no espaço (algures Claude Lévi-Strauss definiu o mito como o tempo que se torna espaço); ele é, literalmente, o campo háptico onde se exercem e se condensam ações que contrariam a sua integridade, que tornam irreversível a sua metamorfose não apenas numa imagem, num veículo de manchas, de durações e intensidades gráficas mas numa coisa palpável, portátil, (o desenho é dobrado, torcido, demolido, despejado, o desenho é o acontecer dessa violência); essas ações que no fundo são testes empíricos à resistência e à desagregação do papel, testes sobre o limiar do irreversível onde as propriedades invariantes do papel se convertem na sua imagem; essas ações, dizia, enunciam também o prolongamento escultórico do desenho: a forma plana e finita ganha extensão através da dobra, da suspensão, da liquefação, da concatenação entre zonas do plano que são simétricas e antagonistas.

No corpo da obra de Gaspar Vieira o desenho revela-se como uma topologia. A folha não é um espaço ocupado, uma acumulação de analogias mas uma acumulação de presenças, de durações, que reconciliam a anti-mimese da superfície-desenho e o vazio exterior. Superfície-desenho que é ela própria um recorte no informe, uma área definida e padronizada, e que também é alterada, provocada na sua natureza físico-química segundo uma intencionalidade, segundo uma antropologia do desenho. Dito de outro modo o desenho parece ser aqui uma avaliação performativa do desfazamento que o tempo produz entre história e quotidiano. O vazio exterior que me refiro é a realidade dos fenómenos, dos horários, do clima, da vocalidade, da estética; um vazio que no âmbito do desenho resulta da interposição do grafo, da inscrição que separa a forma do fundo, o gesto do plano cénico, mas é igualmente o resultado de um gesto construtivo, modelador, quase arquitectónico que lhe dá equivalência e continuidade com essa superfície-desenho.

Pedro Pousada, 25 de Março de 2018

Rita Gaspar Vieira (1976, Leiria) Vive e trabalha entre Lisboa e Leiria.

Rita Gaspar Vieira é licenciada em Artes Plásticas/Pintura, Mestre em Teorias da Arte e Doutorada em Belas-Artes na especialidade de Desenho, pela FBAUL, Lisboa.

Iniciou a sua atividade expositiva na segunda metade da década de 2000. Expõe regularmente no âmbito nacional, tendo como intervenção em espaços públicos a obra S.P.M. (com parceria de Nuno Sousa Vieira), no Jardim de S. Agostinho, Leiria, realizada em 2004.

Destacam-se as seguintes exposições individuais: em 2018: Symposium, Appleton Square, Lisboa (curadoria de Sérgio Fazenda Rodrigues); em 2016, Voyage autour de ma chambre – Projeto Q22, Colégio das Artes, Coimbra; em 2015, R/C Esq., Avenida de Madrid, Lisboa; em 2014, Marca D'Água #1 – Projeto para Empty Cube (curadoria de João Silvério); Linha D'Água, Museu de Santa Clara-a-Velha, Ciclo Espelho, Coimbra (curadoria de Andreia Poças) e Lugar Casa, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra – Sede, Coimbra (curadoria de Andreia Poças).

O seu trabalho está representado em coleções institucionais como a Coleção PLMJ, e Câmara Municipal de Leiria e ainda em várias coleções privadas.

AVESSA de Rita Gaspar Vieira

Accumulated Drawing

In the artistic practice of Rita Gaspar Vieira, searching for a mythical-poetical confrontation in the materiality of the paper sheet, of the “manufactured cotton paper” (through the elasticity, adherence, depuration, deposition, and the organic properties of this material), exists an anti-mimetic re-functionalization of Drawing. This is a confrontation, a product of an autocracy; meaning: the result of the construction and volumetric affirmation of an identity (of a specific artist), that reincorporates in Drawing (as an historically determined discipline) affecting the way we contextualize and understand our “collectivity” and its genealogy (the multiple authors of contemporary drawing); a confrontation that is made, therefore, around a self-narrative awareness and mediation – the complex of experiences that formed, in Rita Gaspar Vieira, the thought in an artistic manner, and her artistic practice as a way of thinking and relating herself with the world.

One thought to hold on to: this reality, the unequal relation, which favors the author (the artist in question) and raises her to be the correspondent (but not in an absolutistic way) of her work, it organizes our (my) interpretative positioning and deactivates any prescriptive form or evaluation in what is written here.

These words of mine constitute themselves as a way of approximation: an imaginative presentation, but conscious that the right to hesitate is still remaining and necessary. Nothing is solved, but these words will broaden the legibility of what the work tells us, and inside of this we acknowledge inclusively the possibility of an illusionary “it seems to say” as plausible.

In Rita Gaspar Vieira’s work, drawing returns to its faculty of itinerary, vestige, to its ontology of the trace, of being a mark of time in space (somewhere Claude Lévi-Strauss defined the myth of how time becomes space); drawing is, literally, the haptic field where actions that contradict its integrity get activated and condensed, actions that turn irreversible not only its metamorphosis into an image, into a vehicle of traces, of graphic durations and intensities, but into something tangible, portable (the drawing is folded, torn, humidified, scattered; drawing is making this violence happen); these actions that are essentially empirical tests to the resistance and disintegration of paper, tests about the irreversible limit of the invariable properties of paper become its image. These actions, I would say, also announce the sculptural extension of the drawing: the plain and finite form grows because of the fold, the suspension, the separation, the chaining of materials between areas that are from different symmetrical and antagonistic plans.

In Gaspar Vieira’s oeuvre drawing reveals itself as a topology. The sheet is not an occupied space, an accumulation of analogies, but an accumulation of presences, of durations, which reconcile the anti-mimesis of the surface-drawing and the external emptiness. Surface-drawing is itself a cut-out of the inform, a defined and standardizes area that is again changed, provoked in its physical-chemical nature by a certain intention, following an anthropology of drawing. Said otherwise, in this case, drawing seems to be a performative evaluation of the disconnection produced by the time-lapse between history and daily-life. The outer emptiness, I’m referring to, is the reality of phenomena, of time zones, of climate, of vocality, of esthetics; an emptiness that – when applied to drawing – results in an interposition of the plot, in an inscription that separates form from background, gesture from the scene, but is equally the result of a constructive gesture, a designing one, almost architectural gesture, which gives the surface-drawing its equivalency and continuity.

Pedro Pousada, 25 de Março de 2018

Rita Gaspar Vieira (Leiria, 1976) Lives and works between Lisbon and Leiria.

Rita Gaspar Vieira graduated in Visual Arts – she holds a Bachelor in Painting. She received a Master’s degree in Theories of Art and holds a PhD in Fine Arts with specialization in Drawing. All academic training was undertaken at FBAUL in Lisbon.

She began to exhibit in the second half of the 2000s, working mostly with used objects, wood and paper.

We would like to highlight the following solo exhibitions: in 2018, Symposium, Appleton Square, Lisbon (curated by Sérgio Fazenda Rodrigues); in 2016, Voyage autour de ma chambre – Projeto Q22, Colégio das Artes, Coimbra, PT; in 2015, R/C Esq., Avenida de Madrid, Lisbon; in 2014, Marca D’Água #1 – Projeto para Empty Cube (curated by João Silvério); Linha D’Água, Museu de Santa Clara-a-Velha, Ciclo Espelho, Coimbra, PT (curated by Andreia Poças) and Lugar Casa, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra / HQ, Coimbra, PT (curated by Andreia Poças).

Her work is part of several institutional collections as the PLMJ Collection and the Town Hall Collection of Leiria, PT, as well as being part of diverse private collections in Portugal.